

Regina Duarte escolhe valter hugo mãe <http://blogs.publico.pt/casadeosso/>

Tiraram o mar à Defesa na orgânica do novo Governo e a Marinha não gostou

Nuno Sá Lourenço

A Armada era a face visível da batalha pela extensão da plataforma continental. Agora, questiona-se onde fica a Estrutura de Missão

● O ambiente é de orfandade silenciosa. A transferência dos Assuntos do Mar do Ministério da Defesa para o da Agricultura mexeu com os militares. Principalmente da Marinha.

Afinal, desde há anos que eram eles a face visível da batalha pela Extensão da Plataforma Continental que se desenrola nos corredores da ONU. Eram os seus navios hidrográficos que realizavam os estudos que suportam a candidatura e era, muitas vezes, o seu pessoal que executava.

No seio da Marinha existe o sentimento que se perdeu a tutela de uma área onde deram muito. E os especialistas e peritos contactados pelo PÚBLICO dão-lhes razão. “É normal que não tenham gostado. Os marinheiros reivindicam, e com razão, o conhecimento do mar.” Outro perito na área confirma que sentiu os oficiais da Marinha “desgostosos”. Sem contestar que o tema é mais abrangente que as questões de soberania - que são a tutela da Marinha -, há quem acrescente que “também fazia sentido que permanecesse na Defesa, embora aberto à sociedade civil”. E frisam que a Agricultura “pode não ter os técnicos com os conhecimentos mais apropriados” para tratar da matéria.

Ainda assim, entre os oficiais ouvidos pelo PÚBLICO existe o reconhecimento que os assuntos do Mar não se esgotam nas áreas que os militares dominam. E, como tal, admitem a lógica na solução encontrada. “A principal questão relacionada com o mar não

é propriamente o seu controlo. Tem mais que ver com os recursos biológicos e da plataforma continental.”

Para a matéria, concorrem os saberes e meios tutelados por mais de um ministério. Além dos recursos estão envolvidas as entidades do conhecimento, como o Instituto Hidrográfico da Marinha ou as universidades, por exemplo. Daí que haja quem defenda a necessidade de um Ministério do Mar que juntasse tudo, embora se compreenda o esforço de contenção.

Outro estudioso não vai tão longe. Classificando o tema como demasiado transversal, pois exige a articulação de “várias entidades para atingir o objectivo comum”, defende que a solução ideal seria que a Secretaria

de Estado do Mar ficasse sob a tutela do primeiro-ministro, para melhor conseguir coordenar os diferentes organismos.

Ainda assim, a indicação de Manuel Pinto de Abreu - que passou pela Marinha e chefiava a Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental (EMEPC) - para secretário de Estado do Mar foi interpretada como um sinal de reconhecimento do papel da Marinha. Isto para lá do reconhecimento do mérito do próprio oceanógrafo e engenheiro hidrográfico.

Mas não haverá manifestações públicas de desgasto, graças ao respeito pela hierarquia inerente ao espírito castrense. Apesar do sentimento de injustiça. Afinal, há anos que são os

oficiais da Marinha que assumem em grande parte as despesas da defesa do regresso ao Mar. Os peritos reconhecem-no: “As pessoas que levantaram a questão de Portugal ter abdicado, no Tratado de Lisboa, da sua soberania sobre os recursos biológicos marítimos foram os marinheiros”.

Outro especialista questiona-se sobre o que acontecerá à EMEPC: fica sob a alçada da Defesa ou passa para a Agricultura? Uma questão pertinente, já que muito do trabalho feito se deveu ao “rigor e velocidade da dedicação militar”, alerta outro dos consultados pelo PÚBLICO. “Vamos ver como é que vai ser agora, quando se tiver de lidar com funcionários a reclamar férias e horas extraordinárias...”



Mesmo desgostosos, os militares não irão manifestar-se em público

Ribeiro Ferreira deverá ser o novo director do jornal *i*

Margarida Gomes

● O jornalista António Ribeiro Ferreira deverá ser o novo director do jornal *i*, adquirido na semana passada pelo empresário Jaime Antunes ao Grupo Lena, de Leiria.

O novo director do *i* irá substituir o também jornalista Manuel Queiroz, cujo nome sai hoje pela última vez no cabeçalho do matutino, e deverá ser anunciado à redacção já amanhã, segundo adiantou ao PÚBLICO Jaime Antunes, o novo presidente do Conselho de Administração do matutino.

O novo patrão do *i*, que se prepara para tornar públicas as linhas gerais do projecto, negou que haja qualquer intenção de transformar o matutino num semanário. “Não tem pés nem cabeça. Essa possibilidade nunca esteve em cima da mesa”, garantiu, evidenciando que “a empresa está dimensionada para ser um diário”. “Em Portugal, o mercado dos semanários está ocupado”, reforçou.

Quanto a despedimentos, o antigo candidato à presidência do Benfca não afasta esse cenário - embora não tenha entrado em detalhes. “É provável que haja despedimentos”, disse, recusando-se a ir mais longe.

Já do ponto de vista do grafismo, o empresário não pensa fazer mudanças até porque, frisa, o *i* arrecadou este ano o prémio máximo da *Society for News Design*. “Vamos aproveitar as virtudes do projecto que tem um grafismo premiado e tirar partido disso”, adiantou Jaime Antunes.

O jornalista Manuel Queiroz, que em Abril de 2010 assumiu o cargo de director do *i*, substituindo Martin Avillez, deverá estar de saída do jornal. Já em relação a Ana Sá Lopes, tudo indica que vai permanecer no cargo de directora adjunta.

O administrador do Grupo Lena, Francisco Santos, vai manter-se na administração do jornal. No dia em que foi conseguido o acordo para a alienação do jornal, Francisco Santos comunicou à redacção a venda do diário. Em comunicado, o antigo dono do *i* afirmava que, “com a aquisição do matutino, o Grupo Lena cumpre, assim, uma etapa importante no seu plano de reestruturação e saída de áreas de negócio que considera não estratégicas, reduzindo a sua presença no sector da comunicação social”. Em Maio, o Grupo de Leiria vendeu a sua participação nos semanários *Grande Porto*, *O Algarve* e *Diário das Beiras*.

Com uma venda diária de 8.626 exemplares, o jornal de Lisboa, lançado em 2009, recebeu mais um galardão. A jornalista Clara Silva venceu a edição de 2010 do Prémio Gazeta, versão revelação devido a uma reportagem publicada no matutino.

Ministro acha que a Madeira pode ser independente

Tolentino de Nóbrega

● Álvaro Santos Pereira acha que, “se a Madeira quiser, um dia poderá tornar-se independente”. No seu livro *Os Mitos da Economia Portuguesa*, publicado em 2007, o novo ministro da Economia dedica um capítulo à independência deste arquipélago, texto que foi integralmente reproduzido pelo *Jornal da Madeira* no dia seguinte à exibição de bandeiras do movimento independentista Flama na ilha.

“Afinal, se Malta, Chipre e até Timor-Leste conseguem ser independentes, por que é que os madeirenses não poderão sonhar com uma autonomia total de Portugal?”, questiona o professor de Economia para quem “a resposta é claramente positiva”. Santos Pereira acha que “por detrás

da maioria das declarações de João Jardim em relação ao continente reside quase sempre uma ameaça velada ou implícita de que se os governos centrais não satisfizerem as exigências da Madeira, então tudo pode acontecer... Inclusive a possibilidade da independência deste território insular”. E “como os governos centrais entendem que a integridade do território nacional não pode ser posta em causa, a tendência dominante tem sido ceder às pressões de João Jardim”. Assim, “a Madeira tem sido extremamente bem-sucedida na atracção de abundantes fundos nacionais e europeus para os seus projectos de investimento e demais despesas do Governo Regional”.

O economista considera que Jardim “cedo percebeu que tanto jogar

a cartada independentista como criar e encarnar a figura de João Jardim era a melhor estratégia para maximizar a remessa de fundos para a Madeira”. Por isso, conclui, “o facto de João Jardim ser João Jardim tem por detrás uma lógica económica coerente”.

No livro editado pela “Guerra e Paz” em 2007, ano em que Jardim se demitiu em protesto contra a nova lei de finanças regionais para provocar eleições, os madeirenses deram-lhe nova maioria absoluta contra o “inimigo ex-



Em 2007, Santos Pereira escrevia que João Jardim usava o bluff independentista para conseguir mais verbas para a Madeira

terno” Sócrates. No futuro, escreve o economista, só restam duas possibilidades ao presidente madeirense: “Ou percebe de uma vez por todas que ser João Jardim já não compensa e, por isso, é forçado a meter a casa em ordem, reduzindo significativamente as despesas do Governo Regional, ou aumenta o bluff independentista”.

É aqui que Santos Pereira coloca a pergunta inevitável: será uma Madeira independente viável economicamente? “Se a Madeira quiser, um dia poderá tornar-se independente.” O professor recomenda um estudo profundo sobre custos-benefícios para “não haver precipitações”, só depois se deve fazer um referendo sobre a independência, consulta defendida sexta-feira pela Flama com o apoio de Jardim.